A Lacuna no Conhecimento de Pós-Graduandos sobre o Continente Africano: Caminhos para um ensino comprometido com a justiça social

La Brecha en el Conocimiento de los Posgraduados sobre el Continente Africano: Caminos hacia una enseñanza comprometida con la justicia social.

The Knowledge Gap of Graduate Students about the African Continent: Paths towards Education Committed to Social Justice.

Manuela Rodrigues Kullmann[1]

RESUMO
O presente artigo analisa uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/UFBA), que explora história e cultura africana por meio dos patrimônios culturais africanos listados pela UNESCO. O estudo destaca a lacuna de conhecimento dos alunos de pós-graduação sobre o continente africano, com base na experiência em sala e na posterior análise do plano de ensino, do conteúdo, das referências, da abordagem pedagógica, do perfil e da participação das estudantes, além das dificuldades observadas ao longo do semestre.
PALAVRAS-CHAVE: ensino; arquitetura e urbanismo; história e cultura africana.

RESUMEN
El presente artículo analiza una asignatura del Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Bahía (PPG-AU/UFBA), que explora la historia y la cultura africanas a través de los patrimonios culturales africanos listados por la UNESCO. El estudio destaca la brecha de conocimiento de los alumnos de posgrado sobre el continente africano, basado en la experiencia en el aula y en el análisis posterior del plan de enseñanza, del contenido, de las referencias, del enfoque pedagógico, del perfil y la participación de las estudiantes, así como de las dificultades observadas a lo largo del semestre.
PALABRAS CLAVE: enseñanza; arquitectura y urbanismo; historia y cultura africana.

ABSTRACT
The present article analyzes a course from the Graduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Bahia (PPG-AU/UFBA), which explores African history and culture through the cultural heritage of Africa listed by UNESCO. The study highlights the knowledge gap among graduate students regarding the African continent, based on the experience in the classroom and the subsequent analysis of the syllabus, content, references, pedagogical approach, profile, and participation of the students, as well as the difficulties observed throughout the semester.
KEYWORDS: education; architecture and urbanism; African history and culture.

[1] Arquiteta e Urbanista; Universidade Federal da Bahia manuelakullmann@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Cursei a arquitetura e urbanismo na cidade de Porto Alegre na região sul do país, entre 2015 e 2020, numa localidade que tem fortíssima marca ideológica eurocêntrica e definida por uma grande imigração europeia promovida pelo estado brasileiro. Foi nessa época que comecei a refletir sobre o papel social do arquiteto, sobre a profissional que se forjava em mim, sobre a influência do ensino na formação do futuro profissional e questões correlatas. Foi também nesse momento que percebi a omissão de grande parte da contribuição humana na área, mais precisamente das contribuições africanas e indígenas. As referências curriculares foram na maioria das vezes europeias ou com influência europeia, raras vezes locais, latino americanas, indígenas, asiáticas ou africanas. O que já considero uma universalização grosseira da riqueza cultural e arquitetônica de cada povo ou região citados, no entanto, ainda os classifico dessa forma por falta de conhecimento mais específico que me permita nomear adequadamente. Eis o enfoque em que se baseia a crítica formulada neste artigo que agora escrevo.

Na busca deste conhecimento, de origem africana e indígena, que sinto ter sido usurpado de mim, primeiramente no ensino básico e posteriormente na graduação, é que, agora na pósgraduação, me empenho em trabalhar para sanar esta lacuna, em compreender a história e a cultura destes povos que juntos formam a maior parte dos brasileiros.

Além de buscar compreender sobre os aspectos históricos e culturais, venho pensando sobre as razões que provocam este apagamento no currículo do ensino universitário. As recentes leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que visam promover a inclusão e valorização da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no sistema de ensino, não abrangem os níveis de graduação e de pós-graduação. Fica então a cargo de cada instituição, inserir tais conteúdos no currículo e dos professores, em propor os temas e abordar de forma responsável.

A UFBA, uma exceção entre as universidades brasileiras, adotou em 2023 uma resolução[2] que “estabelece normas para implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais referentes à Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, Educação em Direitos Humanos e Educação Ambiental nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) de graduação”, promovendo a inserção desses conteúdos nos currículos de graduação[2]. Vale observar que a pós-graduação não é citada na resolução. Contudo, o PPGAU/UFBA já contava com disciplinas que abordam tais assuntos e com professores que pesquisam esses temas desde antes da resolução.

É o caso do professor Dr. Henrique Cunha Júnior, que dentre outras disciplinas, ministra, como professor visitante no PPGAU-UFBA, a intitulada “Patrimônios Culturais da Humanidade nos Territórios Africanos”, a qual tive a oportunidade de assistir no primeiro semestre de 2024. É esta a disciplina que me proponho a analisar empírica e qualitativamente baseada na minha experiência em sala de aula, na experiência das colegas entrevistadas e na visão do professor Dr. Henrique Cunha.

A análise é dividida em quatro etapas, a saber: descrição e análise do plano de ensino; descrição do perfil e análise da participação de estudantes matriculados; descrição e análise das referências; entrevista com o professor.

As entrevistas foram conduzidas de maneira semiestruturada (SILVERMAN, 2019), com objetivo de proporcionar às participantes liberdade de expressar suas percepções, incômodos e sentimentos de forma espontânea. Todas as perguntas foram direcionadas a todas as participantes, porém nem todas as entrevistadas responderam a todas as questões, o que não foi questionado, respeitando-se a individualidade de cada entrevistada.

[2] Resolução nº 04 de 31 de maio de 2023. https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/resolucoes/resolucao_04.2023_erer-dh-ea_-_cae_i.pdf [2] No curso de Arquitetura e Urbanismo, um novo PPC foi formulado e uma disciplina obrigatória que trata sobre questões étnico-raciais e de gênero foi implementada no primeiro semestre.

As entrevistas ocorreram por três diferentes meios: algumas foram realizadas por chamada de vídeo via mídia eletrônica, como no caso da entrevista com o professor Henrique Cunha; outras por enquete, também via mídia eletrônica; e as demais aconteceram presencialmente no campus do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

A intenção de entrevistar colegas de turma foi obter uma visão geral sobre as questões previamente delimitadas, sem o objetivo de transcrever *ipsis litteris* o conteúdo das entrevistas. Nesse sentido, percebe-se que as respostas foram autênticas, as entrevistadas parecem expressar suas opiniões de maneira franca e desinibida em relação aos temas abordados, o que certamente não aconteceria, caso as entrevistas fossem transcritas na íntegra.

1. Descrição e Análise do plano de ensino

1.1. Descrição do plano de ensino

No primeiro módulo da disciplina, fomos introduzidas aos temas: Patrimônios Culturais da UNESCO; Filosofia, Geografia e História africana; Escritas africanas para produção da história africana: Iconografia e arqueologia dos sítios históricos.

No segundo Módulo: Os patrimônios da Etiópia; Os patrimônios do Mali e do Marrocos; Os patrimônios culturais da região do Oceano Índico; Os patrimônios culturais do Saara; Os patrimônios culturais do Benin e da Nigéria.

Alguns dos assuntos presentes no plano de aulas não puderam ser trabalhados em função do curto período de tempo, a saber: Os patrimônios culturais do interior do sul do continente africano; A discussão sobre Zimbabue; O Yemen como patrimônio cultural

quase africano; Egito e os patrimônios culturais; A cidade do Cairo e seus patrimônios culturais.

O primeiro módulo foi ministrado pelo professor Dr. Henrique Cunha de maneira híbrida, presencial e a distância, em aulas expositivas, com recursos audiovisuais e anotações pontuais no quadro. O segundo Módulo foi apresentado pelas alunas, também de maneira híbrida e em apresentação expositiva, utilizando recursos audiovisuais.

1.2. Análise pessoal do plano de ensino

Aponto as duas principais surpresas que tive acerca do plano de ensino da disciplina, a primeira foi no primeiro dia de aula, quando o prof. Dr. Henrique Cunha perguntou se sabíamos que na África tem neve. Apenas uma colega sabia a resposta, isso porque ela já tinha sido questionada pelo professor anteriormente, em outra disciplina. Essa situação me causou imenso desconforto por perceber o quão pouco e quase nada sabemos a respeito do continente africano.

A segunda surpresa foi referente à seleção do conteúdo e está diretamente ligada à primeira. Não imaginava que seriam abordados tantos temas que, aparentemente, não têm relação direta com o patrimônio histórico. Posteriormente, compreendi que conteúdos básicos sobre o continente africano eram novos para a grande maioria — eu inclusa — e, portanto, necessários para a compreensão dos patrimônios. Chamo de conteúdos básicos as noções de geografia, tipos de solo, diferentes climas, países, populações, etnias, costumes, culturas, idiomas, culinárias, vestimentas, estéticas, arquiteturas e muitos outros.

Essas duas situações me provocaram sentimentos contraditórios. Por um lado, senti alegria e entusiasmo por finalmente ter a oportunidade de acessar esses conteúdos. Por outro, experimentei frustração ao perceber que, conhecimentos que deveriam ser abordados no ensino médio e amplamente conhecidos pela população brasileira, ainda estão longe de serem acessíveis a todos.

Evidentemente que os conteúdos mencionados não foram explorados de maneira exaustiva, a carga horária e o nosso parco conhecimento prévio não permitiram, mas foram suficientemente abordados para despertar curiosidade e interesse nas alunas presentes.

1.2. Análise das colegas sobre o plano de ensino

Quais foram os fatores que motivaram sua decisão de se matricular nesta disciplina?

A maioria das entrevistadas destacou o interesse nos aspectos históricos e culturais da África, o interesse em conhecer um pouco mais sobre o continente africano através do patrimônio, já que os cursos de formação dificilmente abordam qualquer conteúdo sobre África, africanidades e etc.

Uma das entrevistadas me parece ter conseguido sintetizar o sentimento geral da turma quando disse:

> A gente não sabe nada sobre a África, e não é só que a gente não sabe, existe um desprestígio. Para que saber sobre a África? Existe um direcionamento de que tudo na África é feio, é pobre. Então é um conjunto de coisas que acabam não incentivando o aluno. A matéria não é dada, e você também não tem incentivo em ler nada sobre a África.

Complementando a fala da colega e relembrando as aulas do professor Dr. Henrique Cunha, percebo uma política de desincentivo que se manifesta no espaço de ensino como currículo oculto. A forma como a mídia retrata a África e a maneira com que a literatura brasileira caracteriza a África, os africanos e seus descendentes — como escravizados, nus, sofrendo e nunca reagindo — colabora para a negação de tudo o que é de origem africana.

Três das entrevistadas apontaram os temas de suas pesquisas acadêmicas como motivação para a participação da disciplina. Duas delas trabalham com comunidades

brasileiras de origem africana, uma delas trabalha com patrimônio e frisa o interesse no patrimônio africano, ela diz:

> A minha área de pesquisa é sempre na área de patrimônio e são poucas as oportunidades que a gente tem de discutir sobre o patrimônio africano. Quando eu vi a disciplina com esse título, na hora me chamou muito atenção e parecia algo absolutamente imperdível, por todas as questões que a sua pesquisa coloca em questão, e que a gente fala em sala de aula e em outros lugares, que é, o quanto a gente estuda patrimônio numa perspectiva eurocêntrica e poucas oportunidades de trabalhar patrimônios de outros continentes. Da mesma forma eu adoraria ter disciplinas de patrimônios asiáticos e latino-americanos. A gente fala de patrimônio muito numa perspectiva eurocentrada, das influências europeias e muito pouco com relação a outras culturas que constituem a nossa formação.

Você tinha a expectativa de aprender sobre filosofia, geografia, história, tecelagem e escrita no contexto africano?

Duas alunas responderam afirmativamente, enquanto três responderam negativamente. Das duas que responderam positivamente, uma destacou que, sendo aluna e orientanda do professor, já o conhecia e, por isso, imaginava que ele não se restringiria apenas à arquitetura. Já a outra aluna, quem trabalha com patrimônio, diz “esperar” que a discussão a respeito do patrimônio não se limite ao construído, ainda que esteja no campo da arquitetura. E além disso, observa que o nome da disciplina é “Patrimônios Culturais Africanos” e não “Patrimônios Arquitetônicos Africanos”.

Você considera que o professor abordou temas de história e geografia africana devido à relevância deles em sua pesquisa, ou por entender que temos lacunas nesse conhecimento que precisamos preencher?

Esta pergunta dividiu opiniões. A maioria concorda em parte com cada uma das hipóteses. Uma das alunas que respondeu negativamente à pergunta anterior, também orientanda do professor, menciona que,

> O professor tira a febre no primeiro dia de aula e já sabe, mais ou menos, o nível dos alunos. Com isso, ele nivela a aula dele para que seja acessível para a

> maioria. Ele poderia dar uma aula só sobre a Filosofia Africana, por exemplo, mas, a partir do momento que ele vê que as pessoas não têm conhecimento, ele retrocede.

Uma das orientandas do professor Dr. Henrique Cunha mencionou uma forma de análise dos alunos em sala de aula, utilizada por ele e compartilhada com a aluna em conversas informais que tiveram. Ela chama de “o espanto”, e explica que ele observa “o espanto” no rosto das pessoas quando começa a falar sobre a cultura, a história, a filosofia, a geografia e vários outros aspectos da África. Aponta que “o espanto” pode ter duas motivações: Uma, por falta de conhecimento, provavelmente o que aconteceu na nossa turma da disciplina em questão; e outra, por se tratar de um conhecimento negro, africano.

Outra entrevistada respondeu à pergunta de modo que também acredito ilustrar o sentimento geral da turma, ela diz:

> De um modo apaixonado pelas descobertas que tem obtido em suas pesquisas, ele nos apresentou uma bibliografia a respeito e, sobretudo, nos apresentou suas reflexões e os resultados das suas investigações sobre o patrimônio reconhecido pela Unesco. Mas, sobretudo, apresentou-nos o patrimônio não reconhecido, como a escrita, a matemática, a tecelagem, a arte pictográfica e a filosofia nelas expressas, e mesmo as primeiras formas de artes plásticas expressas onde era possível nos tempos idos. Isso pode ser observado nos tecidos mais variados, desde tecidos para vestimentas do corpo humano até tecidos para a vestimenta de mobiliário, que, por outro lado, apresentam indícios das primeiras formas de hierarquização social e política.

Você considera que os alunos da pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo têm um conhecimento limitado sobre história, cultura e arquitetura africana? A que você atribui essa falta de conhecimento?

Por unanimidade, todas as alunas responderam positivamente. Algumas reflexões ajudam a demonstrar o sentimento da maioria:

> O fato de só ter uma disciplina genérica, é por si só um reflexo da insuficiência dessas discussões relacionadas ao patrimônio. É muito sintomático não ter a discussão por país, por região, dividida em patrimônio material e imaterial. O fato

> de não trabalhar especificamente, fala muito sobre a insuficiência, ou limitar conhecimento que a gente tem. Sem falar que está na pós-graduação, não na graduação, e uma disciplina que não é obrigatória, ou seja, somam-se uma série de elementos. Uma das alunas comenta: “Os alunos de arquitetura e urbanismo são forjados em uma educação tradicionalista, eurocêntrica, vinda de universidades brancas, que não tem compromisso social, político, social e filosófico com a África e as africanidades”.

Outra entrevistada complementa:

> Se temos um conhecimento limitado, ou quase inexistente, é óbvio, não está na formação. Hoje tem alguns professores disputando esse espaço, mas a ausência é estrutural. Não diz respeito ao curso de Arquitetura e Urbanismo especificamente, mas ao lugar que as questões do negro e o negro ocupam na sociedade brasileira. Tudo é decorrente disso, e tudo é luta, processo de conquista, de afirmar, construir espaços, possibilidades, discursos, narrativas, convencimento.

Você acredita que a academia, e em particular o curso de Arquitetura e Urbanismo, pode ser um espaço para a promoção da justiça social? Como?

Todas as entrevistadas responderam positivamente a esta pergunta. Uma delas acredita que a academia e o curso de Arquitetura e Urbanismo na UFBA, já cumprem esse papel. Já são motores para a justiça social, porém, insuficientes para a dimensão do Brasil, do racismo estrutural e da negação da exclusão. Segundo esta colega, as medidas adotadas ainda são muito fracas para abalar o “monstro”, racismo, que enfrentamos.

Quanto à segunda questão levantada na pergunta, sobre como utilizar a academia e o curso de Arquitetura e Urbanismo como espaço para a promoção de justiça social, uma das alunas entrevistadas trouxe reflexões bastante pertinentes. Isso me levou a refletir sobre a necessidade da construção em coletivo; ela falou sobre a importância dos processos, mais do que dos resultados, e pontuou que qualquer ação de transformação, quando posta em prática, já está defasada, pois responde a uma realidade passada.
Uma das entrevistadas negras, de fora de Salvador, falou sobre a UFBA:

> Acho que a UFBA é o grande centro negro do momento. Não sei se eles têm consciência disso, mas, como alguém de outro estado, percebo a importância de termos essas seis disciplinas que tratam das questões afro. Falo sobre isso onde

> vou, incentivando as pessoas a conhecerem mais. Se se tiver alguma coisa online, faça! Só acho que tudo isso precisa ser registrado, porque é importante tudo isso e porque não existe conhecimento sobre isso.

Por fim, concordamos, entre todas as entrevistadas, que não existe espaço neutro, que qualquer espaço é um espaço político, de disputa, de conquista de discursos, narrativas e convencimentos, sobretudo os espaços de ensino e formação. Então eu pergunto, por que não um espaço de práticas e intervenções, como currículo ativo e adaptativo aos problemas de cada curso, população, região, país?

2. Descrição e análise do perfil e da participação de estudantes matriculados

3.

3.1. Descrição do perfil e da participação de estudantes matriculados

3.2.

Perfil	**Quantidade**
Alunos Matriculados	10
Aluna Especial	1
Alunas que participaram efetivamente da disciplina	7 matriculadas + 1 especial
Alunas que participaram da entrevista	5
Arquitetas	4
Trabalham com patrimônio	1
Homens	0
Mulheres	8
Lgbtqiapn+	1

Mulheres brancas	4
Mulheres negros	4
Mulheres indígenas	0
De 20 a 30 anos	1
De 30 a 40 anos	3
De 40 a 50 anos	1
Mais de 50 anos	4

Tabela 1

3.3. Análise pessoal sobre o perfil e a participação de estudantes matriculados

Percebo que a maioria das pessoas matriculadas e participantes da disciplina demonstram interesse particular em compreender o continente africano. Talvez com maior foco no continente como um todo do que especificamente nos patrimônios culturais, dado que, apenas quatro alunas têm formação em Arquitetura e Urbanismo, e apenas uma trabalha diretamente com patrimônio.

Uma surpresa positiva foi o número de pessoas brancas matriculadas e participantes da disciplina. Metade da turma ser composta por pessoas brancas considero um número expressivo, visto que, historicamente pessoas brancas tendem a mostrar pouco interesse pelo continente africano, sobretudo quando ele é abordado de forma digna e respeitosa.

3.4. Análise das colegas sobre o perfil e a participação de estudantes matriculados

Como você descreveria o perfil das pessoas que cursaram a disciplina?

A maioria descreveu o grupo como heterogêneo em relação à naturalidade, tínhamos colegas de Minas Gerais, do Ceará, São Paulo e eu, do Rio Grande do Sul. Heterogêneo também em relação à área de formação, tínhamos colegas formadas em Pedagogia, Assistência Social, História e Design de Produto, além de Arquitetura e Urbanismo.

Foi observada a idade das participantes com relação à raça. Uma das entrevistadas pautou que a trajetória do negro é diferente. Ela explica que o negro raramente entra na graduação; quando ele entra, entra depois e, dificilmente, consegue manter os estudos sem interrupções. Ela costuma dizer que chegou ao doutorado “por pura insistência” e lembra que, ao voltar a estudar, no momento em que ingressou no mestrado, a idade foi uma questão. Sentia que “o tempo do mestrado já tinha passado”. Foi o professor Henrique Cunha que a encorajou, demonstrando que, infelizmente, o negro entra “depois”.

Que relação você faz entre o perfil das alunas matriculadas e o conteúdo da disciplina? De que forma você avalia a participação das estudantes em sala de aula?

Aqui foi apontada a paciência e delicadeza do professor com as alunas que não cumprem datas, não entregam o solicitado. Foi levantada a hipótese de que as alunas se comportam de tal maneira porque o conhecem e abusam da relação de amizade, comprometendo o fluxo de aprendizagem da turma. Uma das alunas comenta:

> Penso que o prof. Henrique nos tratou com autonomia e respeito, na perspectiva da pedagogia paulofreirena, do diálogo sem hierarquias, que requer confiança e respeito pela diversidade; e na perspectiva da ciência complexa defendida por autores como Nicolescu, Morin, Obenga etc. Porém, penso que a maioria de nós não está preparada para isso; prefere um sistema de graduação com todo aquele aparato instrucionista, inibidor dos potenciais. Sem contar que, quem conhecia a sistemática de trabalho dele, aparentemente se aproveitou; alguns faltaram praticamente o semestre inteiro, outros não cumpriram o cronograma de apresentações etc.

3. Descrição e análise das referências

3.1. Descrição das referências bibliográficas

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CUNHA, Henrique. **O Etíope**: Uma escrita africana. Revista Educação Gráfica. 2007.

DIOP, Cheick Anta. **A origem Africana da civilização:** mito ou realidade. Paris: Présence Africaine, 2015.

ELNASHAR, Elsayed Ahmed. **Woven Seamless of Clothes between Ancient Egyptian History and Future**. Egypt: Lupine Publishers, 2019.

MARTINS, Mariáh. **Por uma história da preservação do Patrimônio Cultural:** riscos e desastres nas cartas patrimoniais. Rio de Janeiro: Revista Espaço Acadêmico, 2024.

MERAWI, Fasil. **Claude Sumner and the Quest for an Ethiopian Philosophy.** Ethiopia: EJOSSAH, 2019.

MERAWI, Fasil. **Zera Yacob's Hatata and the vitality of an Indigenous Ethiopian Philosophy.** Ethiopia: EJSS, 2017.

PLA, Jorge Hermosilla. **Evaluation of cultural heritage, geographic information system and territory museum**: tools for sustainable management. Spain: Universitat de València, 2020.

UNESCO. **História geral da África**. 8 vols. São Paulo: Ática, 2010.

YVANEZ, Elsa; WOZNIAK, Magdalena M. **Cotton in ancient Sudan and Nubia:** Archaeological sources and historical implications. Revue d'ethnoécologie, 2019.

3.2. Descrição das referências audiovisuais

Vídeo 1 – AFRICA Episode 1 **Different but Equal** Written & Presented by Basil Davidson
Executive Producer https://www.youtube.com/watch?v=X75COneJ4w8

Vídeo 2 – AFRICA Episode 2 **Mastering a Continent** Written & Presented by Basil Davidson
Executive Producer https://www.youtube.com/watch?v=maRquej2G80

Vídeo 3 – AFRICA Episode 3 **Caravans of Gold** Written & Presented by Basil Davidson Executive Producer Mic https://www.youtube.com/watch?v=rSoZ07LXnKo Vídeo 4 – AFRICA Episode 4 **The King & The City** Written & Presented ... https://www.youtube.com/watch?v=zXhVu21As4A

Vídeo 5 - AFRICA Episode 5 **The Bible & The Gun** Written & Presented by Basil Davidson
Executive Producer
https://www.youtube.com/watch?v=MNWA2cOS7sg&list=PL50tQgFCKlNpKSWPO0unFH9m6H BZQv9vj&index=5

Vídeo 6 - AFRICA Episode 6 **The Magnificent African Cake** Written ... https://www.youtube.com/watch?v=sTa5iDbZXu0

Vídeo 7 – AFRICA Episode 7 **The Rise of Nationalism** Written Presented by Basil Davidson Executive Producer M
https://www.youtube.com/watch?v=CFVLTPBSe0&list=PL50tQgFCKlNpKSWPO0unFH9m6HBZ Qv9vj&index=7

Vídeo 8 – AFRICA Episode 8 **The Legacy** Written & Presented by Basil
https://www.youtube.com/watch?v=ExwFrDlmKKI&list=PL50tQgFCKlNpKSWPO0unFH9m6HBZ Qv9vj&index=

3.3. Análise pessoal sobre as referências

Em relação às referências, percebo que foram cuidadosamente selecionadas. Considero que são todas muito assertivas, de profundo rigor científico e metodológico. Como dito anteriormente, eu não tinha qualquer conhecimento prévio sobre os assuntos tratados, o que torna difícil julgar ou classificar as referências de forma crítica.

No entanto, posso dizer que fiquei surpresa ao perceber que a maioria das referências utilizadas e recomendadas pelo professor estavam em inglês e não possuíam tradução para o português. Isso me levou a refletir sobre uma possível escassez de pesquisadores brasileiros dedicados ao estudo do patrimônio e da cultura do continente africano. A carência de materiais acessíveis em nossa língua não só dificulta o acesso e a compreensão dos conteúdos para os estudantes de pós-graduação, mas também limita a disseminação desse conhecimento entre a população brasileira em geral.

3.4. Análise da turma sobre as referências

Qual a sua opinião a respeito das referências utilizadas e dos conteúdos abordados na disciplina?

Uma das entrevistadas afirmou que o professor reconhece a complexidade dos conteúdos, uma vez que a maior parte da produção está em inglês e francês. “Ele se empenha em tornar o material acessível, utilizando não apenas artigos e livros, mas também promovendo discussões em sala de aula para aqueles que não tiveram oportunidade ou condição de ler todo o conteúdo”.

Sentiu falta de algum conteúdo especificamente? Gostaria de oferecer alguma sugestão sobre as referências ou a metodologia utilizada em sala de aula?

A maioria das entrevistadas não respondeu a esta pergunta e, como mencionado anteriormente, foi respeitada a decisão de quem não se sentiu confortável para responder.

Uma das alunas ressaltou sua satisfação com a forma como o professor conduziu a disciplina, destacando a autonomia que nos foi dada para direcionar nossas pesquisas, aliada a um tratamento marcado por respeito e maturidade. Ela também destacou a relevância dos seminários, considerando-os fundamentais para a assimilação e apropriação dos conteúdos abordados.

Outra aluna, com posicionamento contrário ao da primeira, expressou seu desconforto em relação às referências e à metodologia. Ela sugeriu que poderia ter havido uma abordagem mais provocativa e uma carga maior de leitura. Apesar de reconhecer que a leitura de textos densos de várias disciplinas pode ser exaustiva ao longo do semestre, ela valoriza a seleção de materiais feita pelos professores, considerando-os valiosos para futuras pesquisas sobre os temas abordados. Em relação à metodologia, ela

sugeriu que a análise detalhada dos textos — incluindo como os autores chegaram às suas conclusões e como apresentaram os resultados de suas pesquisas — seria uma abordagem interessante e enriquecedora para uma disciplina de pósgraduação.

4. Entrevista com o professor

Professor, sei que o Sr. é um homem da transdisciplinaridade, que foi Doutor pelo Instituto Politécnico de Lorraine na França, que foi Mestre em História pela Faculdade de Letras de Nancy, na França, que fez o pós-doutoramento em Engenharia na Universidade Técnica de Berlin e que o senhor perpassa diversos campos do conhecimento. No entanto, observando o seu currículo, parece que tem uma coisa que não muda, eu me atrevo a dizer que é a lente pela qual o sr. enxerga e trabalha todos esses conhecimentos. A lente de uma pessoa pan-africanista desde criancinha, como tive a oportunidade de lhe ouvir contar no primeiro dia de aula. Vejo que essa lente lhe acompanha desde o início da sua carreira acadêmica, e por isso pergunto, considerando que o Sr. já passou por inúmeros cursos e universidades, tanto na condição de aluno, como na de professor: O sr. acredita que a academia, especialmente o curso de Arquitetura e Urbanismo, pode ser um espaço para a promoção da justiça social? Além da inserção de conteúdos ligados à história e cultura africana, quais os próximos passos que o senhor percebe serem necessários?

Sim, o professor foi categórico ao afirmar sua crença na academia, e em especial no curso de Arquitetura e Urbanismo, como um espaço de promoção da justiça social. O professor Dr. Henrique Cunha Jr. falou reiteradamente sobre “construir em cooperativa”. Comentou sobre o sonho de fazer um curso de Arquitetura e Urbanismo na favela, para que os estudantes da favela sejam os projetistas e os construtores. Fazer arquitetura de “dentro para dentro, pensar a favela a partir de alunos que são ou foram favelados”. O professor destacou a importância de aproveitar o potencial existente na favela, como o conhecimento local, as técnicas construtivas e os materiais disponíveis, em vez de

depender de soluções externas. Essa abordagem frequentemente resulta em distorções em relação à realidade local, não promove o pertencimento, nem a utilização plena dos espaços. Além disso, não contribui para a manutenção ou o desenvolvimento dos saberes e da estética locais.

Para ilustrar o que falou sobre “construir em cooperativa”, o professor apresentou o que chamei de “exemplo do liquidificador”. Ele me fez refletir sobre como um simples liquidificador depende da colaboração de diversos profissionais para funcionar adequadamente. Destacou a importância do pequeno pé de borracha, que impede que o aparelho deslize durante o uso. Realçou que um engenheiro eletricista poderia subestimar esse detalhe simples, mas vital para a durabilidade do equipamento. Com isso, demonstrou que a cooperação entre diferentes áreas de conhecimento é essencial para o sucesso de qualquer projeto.

Outra questão trazida pelo professor Dr. Henrique Cunha, é a famosa “arquitetura canônica”, sempre europeia. Sem desqualificar a arquitetura europeia, ele julga que o curso não apresenta aos estudantes outras arquiteturas, árabe ou russa, por exemplo. Assim, dá a impressão de abordar a totalidade, quando, na verdade, oferece apenas uma visão limitada da diversidade na produção arquitetônica.

Durante a entrevista, o professor Dr. Henrique Cunha mencionou também a abordagem que está sendo utilizada para certos conteúdos que já estão no currículo. A sustentabilidade, por exemplo, que já está no currículo há mais tempo, mas sendo abordada de maneira equivocada.

O professor me provoca a pensar sobre o que é sustentabilidade e como medi-la por padrões e certificações globais, considerando que cada local possui suas próprias especificidades, características físicas, solo e clima, além de materiais como pedras e madeiras e adversidades, como falta de emprego ou violência. Ele questiona: como é possível falarmos de sustentabilidade sem considerar a utilização de materiais e mão de

obra locais, assim como a geração de emprego na região? O professor ilustra a situação ao afirmar que o curso de arquitetura “ensina a usar menos ar-condicionado, em vez de ensinar a não utilizá-lo”.

Existe uma pedagogia de origem africana que possa de alguma forma nos auxiliar, o sr. a utiliza?

O professor começa a responder recordando o processo de construção das casas em uma região do Mali. Durante o período em que a plantação está crescendo, que se espera a colheita, o trabalho é voltado para a construção das casas. primeiramente faz-se um jogo, para que os ancestrais definam o lugar onde deve ser implantada a edificação e depois se convoca as pessoas para colaborarem na construção efetivamente. Conta que a participação da aldeia é total, inclusive das crianças, que participam carregando água e areia. A construção é finalizada em torno de 30 dias. Com esta outra situação exemplo, o professor reafirma a necessidade de se aprender a trabalhar em cooperação.

Especificamente sobre a nossa disciplina, quais as maiores dificuldades que o senhor enfrenta ao ministrá-la? A pouca bagagem que os estudantes trazem sobre o continente africano é uma adversidade para o senhor?

De forma surpreendente, o professor afirmou que a falta de conhecimento prévio dos estudantes sobre o continente africano não é o maior desafio, pois ele já antecipa essa situação. A maior dificuldade, segundo ele, reside na falta de disposição de alunos e professores para acessar e se engajar com o conhecimento. Ele observou uma baixa adesão às disciplinas que abordam a história e a cultura africana, apontando que, muitas vezes, o problema não é a oferta de cursos, mas sim o desinteresse. O professor constatou que, tanto os alunos quanto, e especialmente, os professores do PPGAU/UFBA, não estão dispostos a se dedicar ao estudo da África.

Considerações finais

A pesquisa revelou uma ampla gama de interpretações sobre as questões levantadas, incluindo o plano de ensino, o perfil e a participação das estudantes, bem como o conteúdo, as referências e as metodologias utilizadas. As divergências observadas em todas as perguntas foram surpreendentes, especialmente considerando que o grupo é pequeno e composto exclusivamente por mulheres que pesquisam questões étnico-raciais, raça, racismo, territórios afro-diaspóricos e temas correlatos. Inicialmente, esperava-se uma certa homogeneidade entre as participantes.

No entanto, um ponto em comum emergiu entre todos os participantes, incluindo o professor e a mim: a origem do nosso desconhecimento sobre questões básicas relacionadas à África. Todos nós identificamos o racismo estrutural e institucional como as principais causas dessa lacuna de conhecimento.

A pesquisa revelou que a sala de aula pode funcionar tanto como ambiente propício para a promoção da justiça social, quanto um espaço de opressão e manutenção dos privilégios da branquitude, a depender das atitudes e abordagens utilizadas pelos professores e alunos.

A participação na disciplina permitiu identificar semelhanças entre o Brasil e a África que vão além das conexões culturais evidentes, abrangendo aspectos físicos como o solo, a geografia e o clima tropical. Nesse contexto, o estudo da arquitetura africana no Brasil se revela essencial. Aprender com a África parece ser uma escolha natural, pois desafios que enfrentamos aqui já foram solucionados lá. Um exemplo ilustrado pelo professor Dr. Henrique Cunha em sala de aula refere-se a um aluno que busca soluções para ventilação em edificações no Ceará inspirando-se no Marrocos, demonstrando como essas regiões, com características em comum, podem oferecer abordagens inteligentes e saudáveis para questões arquitetônicas.

A participação na disciplina permitiu identificar semelhanças entre Brasil e África que vão além das conexões culturais evidentes, abrangendo aspectos físicos, como o solo, a geografia e o clima tropical. Nesse contexto, o estudo da arquitetura africana no Brasil se revela essencial. Aprender com a África parece ser um caminho natural, visto que muitos dos desafios que enfrentamos aqui já foram solucionados lá. Como exemplo, o professor Dr. Henrique Cunha destaca um aluno que, percebendo a semelhança climática entre o Ceará e Marrocos, estuda soluções marroquinas de ventilação para serem empregadas no Ceará.

Para avançar em direção à justiça social, concordo com as colegas quando afirmam que estamos seguindo na direção correta e que estamos em processo de construção. Reconhecemos que não existem soluções únicas e imediatas, mas sim processos e lutas locais que devem ser discutidos e enfrentados coletivamente.

Referências

CUNHA, Henrique. **Plano de aula.** Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1J0bYBRma1hAyT5SLWUoyCRvyjCxJTCu2/view

BRASIL. **Lei nº 10.639/2003.** Brasília: Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. **Lei nº11.645/2008**. Brasília: Diário Oficial da União, 2008.

SILVERMAN, David. ***Interpreting qualitative data:*** *Methods for analyzing talk, text and interaction*. London: Sage Publications, 2019.